

## **O ENSINO DE FILOSOFIA COMO EXERCÍCIO PSICAGÓGICO PARA UMA VIDA SOBERAMENTE CÍNICA EM TEMPOS DIFÍCEIS**

[TEACHING PHILOSOPHY AS A PSYCHOLOGICAL EXERCISE FOR A SOVEREIGNLY CYNICAL LIFE IN DIFFICULT TIMES]

**Benjamim Julião de Góis Filho**  
[benjamimgois@uern.br](mailto:benjamimgois@uern.br)

*Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Especialista em Ética e Filosofia Política pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Pós-graduado em Psicanálise e Psicologia (FAMEESP). Licenciado em Filosofia (UERN). Licenciado e Bacharel em História (UFRN). Bacharel em Teologia pela Faculdade Kurios (FAK/CE) e Pelo Seminário Teológico Potiguar (STP/RN). Psicanalista (Centro de Estudos Psicanalíticos de Natal) (CESPN). Professor de Filosofia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).*

**DOI: [10.25244/1984-5561.2023.6790](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2023.6790)**

Recebido em: 29 de novembro de 2024. Aprovado em: 20 dezembro de 2024

Caicó, ano 16, n. 3, 2023, p. 147-154  
ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/1984-5561.2023.6790](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2023.6790)  
Dossiê 20 anos do Curso de Filosofia UERN/Caicó



**O ensino de filosofia como exercício psicagógico  
para uma vida soberanamente cínica em tempos difíceis**  
GÓIS FILHO, Benjamim Julião

**Resumo:** Nas últimas obras de Michel Foucault (1926-1984) e nos seus seminários oferecidos no *College de France* nos três anos finais de sua vida, ele problematiza as relações entre verdade, sujeito e poder: a questão de quem somos nós no presente, quando se volta para o cuidado de si, as práticas de si, a *parresia*. É nessa perspectiva que se pretende no presente texto, apontar para a necessidade de pensar a filosofia e seu ensino a partir da ideia de experiência de si: pensar um problema que afete verdadeiramente e não que se enuncie a partir de questões continuamente retomadas pelas pesquisas acadêmicas, como uma forma ritualizada que aprisiona o ato de pensar. Foucault, no curso *Hermenêutica do Sujeito*, apontou para a preponderância do cuidado de si sobre a consciência de si, ou seja, retomou, a partir de um retorno aos antigos gregos, a questão da possibilidade da Filosofia como modo de vida: este retorno aos antigos procurou tirar de seu eixo o desenvolvimento da filosofia como campo disciplinar, evidenciando historicamente a ruptura com a sua antiga configuração, como modo de vida. Essa perspectiva pode auxiliar a repensar a educação filosófica no presente, sobretudo quando ela se converteu em uma disciplina no currículo escolar e em transmissão técnica de um saber especializado a mais, centrando-se quase que exclusivamente em seu veio pedagógico e na comunicação de informações sem quaisquer preocupações com a formação, e muito menos, com a transformação de si. Dito de outro modo: trata-se, aqui, de pensar a filosofia não entendida como uma área do saber fechada sobre si mesma, mas pela filosofia perspectivada como uma intensidade do pensamento, como uma forma de problematizar e pensar os problemas. O que Foucault chamou de coragem do pensamento. Outrossim, trata-se ainda, de refletir a respeito da possibilidade de experimentar um modo de existência no qual o que importa é ter uma atitude filosófica ante o pensamento e a vida, ou seja, ensaiar e ensaiar-se continuamente na experiencição de viver-pensar filosoficamente; entender a inseparabilidade entre o pensamento e a vida, pensar a convergência do professor e do pesquisador. Tal empreendimento aponta para a necessidade de pensar algumas questões: Seria possível a filosofia como modo de vida e a face psicagógica da educação filosófica no presente? O que faz o filósofo quando uma de suas tarefas no contexto presente é ser professor de filosofia?

**Palavras-chave:** Michel Foucault. Experiência de si. Psicagogia. Ensino.

**Abstract:** In Michel Foucault's (1926-1984) last works and in his seminars offered at the Collège de France in the final three years of his life, he problematizes the relationships between truth, subject, and power: the question of who we are in the present, when we turn to self-care, self-practices, parrhesia. It is from this perspective that this text intends to point to the need to think about philosophy and its teaching from the idea of self-experience: to think about a problem that truly affects us and not one that is enunciated from questions continually revisited by academic research, as a ritualized form that imprisons the act of thinking. In his course "Hermeneutics of the Subject," Foucault pointed to the preponderance of self-care over self-consciousness. In other words, he revisited, from a return to the ancient Greeks, the question of the possibility of Philosophy as a way of life: this return to the ancients sought to destabilize the development of philosophy as a disciplinary field, historically highlighting the rupture with its former configuration as a way of life. This perspective can help to rethink philosophical education in the present, especially when it has become a subject in the school curriculum and a technical transmission of yet another specialized knowledge, focusing almost exclusively on its pedagogical aspect and the communication of information without any concern for formation, much less for self-transformation. In other words: it is a matter here of thinking about philosophy not understood as an area of knowledge closed in on itself, but by philosophy viewed as an intensity of thought, as a way of problematizing and thinking about problems. What Foucault called the courage of thought. Furthermore, it is also a matter of reflecting on the possibility of experiencing a mode of existence in which what matters is having a philosophical attitude towards thought and life, that is, continuously rehearsing and rehearsing oneself in the experience of living and thinking philosophically; understanding the inseparability between thought and life, considering the convergence of the teacher and the researcher. This undertaking points to the need to consider some questions: Is philosophy possible as a way of life and the psychagogical aspect of philosophical education in the present? What does the philosopher do when one of their tasks in the present context is to be a philosophy teacher?

**Keywords:** Michel Foucault. Self-experience. Psychagogy. Teaching.

**O ensino de filosofia como exercício psicagógico  
para uma vida soberanamente cínica em tempos difíceis**  
GÓIS FILHO, Benjamim Julião

## INTRODUÇÃO

Poderíamos começar com a questão: “Que professor de filosofia para a escola na contemporaneidade?”. No entanto, é importante fazer algumas considerações. A produção teórica sobre a temática do ensino de filosofia é, ainda, recente. Um indício é a história dos cursos de pós-graduação no Brasil. Ao olharmos para a história da ANPOF: fundada em 1983, vemos que da sua fundação até 2006, nunca tinha havido um GT que tratasse especificamente do tema. Apenas em 2006: o GT: “Filosofar e ensinar filosofar”. Outro indício do desinteresse foi até pouco tempo a existência de poucos grupos de pesquisa inscritos no CNPQ que discutissem a temática. Entretanto, é necessário destacar iniciativas de pesquisadores muito envolvidos com a questão do ensino e a criação do Mestrado Profissional em Filosofia que funciona em rede.

O ensino de filosofia num ambiente marcado por este descuido com a questão do ensino é caracterizado por uma prática que privilegia a transmissão do conhecimento produzido no contexto da história da filosofia. Nesse registro, pensar filosoficamente configurar-se-ia como um exercício de erudição vazio. Isso dificultaria uma experiência com a filosofia que fosse capaz de permitir ao “aprendiz” a procura de uma ressignificação de sua relação com o mundo e com a própria filosofia.

Pode-se dizer que o mesmo acontece em relação ao ensino da filosofia: não se permite a incerteza, a ambigüidade no pensamento, a falta de clareza e a incerteza do pensar intempestivo, fazendo que o ensino se vincule e se reifique sobre a necessidade de compreender com clareza e distinção a “filosofia” antes de experimentá-la, antes mesmo de sermos afetados por ela. Segundo a lógica implícita nesse processo, o ensino de filosofia deve enraizar-se em critérios de verdade que independem da experiência, da incerteza, da volatilidade e da incompletude, mantendo critérios mínimos do uso da razão. Nesse contexto, toda a relação do aluno com o mundo é mediada pelo modelo criado a partir do olhar de determinado filósofo, como se a possibilidade de uma experiência do mundo se desenhasse apenas na sombra da experiência vivenciada pelo pensamento do filósofo e não na experiência de um problema que emerge do olhar singular do estudante desde o interior do mundo. Nessa relação, o estudante não mergulha diretamente na problemática complexa e plural que é o mundo, mas é sempre mediado pelo pensamento de um filósofo. Como se não bastasse essa mediação, surgem outras: 1) a explicação do comentador; 2) a explicação de um outro comentador que explica o comentador; 3) a explicação do professor que assume o papel de mais um comentador.

Como diria Foucault (1996), o que é, no fim de contas, um sistema de ensino, senão uma ritualização da fala; senão uma qualificação e uma fixação de papéis dos sujeitos falantes; senão a constituição de um grupo doutrinário ao menos difuso; senão uma distribuição e uma apropriação do discurso com os seus poderes e saberes? Nesse mesmo lugar poderia ser encontrado o ensino da filosofia que se inscreve na inscrição de nosso pensamento àquilo que Foucault denomina de grandes procedimentos de sujeição do discurso, que procuram manter qualquer possibilidade de experiência sempre no registro desse mesmo discurso. Podemos dizer que também no ensino da filosofia existe um regime de verdade que dá amparo ao discurso do professor filósofo. Nesse regime discursivo, no qual o professor e estudante tem cada um seu papel específico, pode ser percebido nitidamente o exercício do poder que percorre a relação ensino-aprendizagem. De um lado está o professor, detentor do saber Filosofia, que procura inscrever, por meio da disciplinarização do saber, aquele que precisa ser inscrito no mesmo regime discursivo de que é devedor: a filosofia. Podemos dizer, então, que o ensino da filosofia

**O ensino de filosofia como exercício psicagógico  
para uma vida soberanamente cínica em tempos difíceis**

GÓIS FILHO, Benjamim Julião

está fundamentado em um determinado regime de verdade que dá sustentação ao discurso do professor e, simultaneamente, sujeita esse mesmo discurso a um determinado recorte do que é importante ser ensinado para que o discente ingresse nesse regime de verdade do qual o professor é guardião e anunciador. Uma das funções do ensino da Filosofia é fazer que este discente entre no discurso-filosofia. Esse modo de pensamento apóia a crença na necessidade de se modelar o pensamento desse estudante para que abandone a maneira corriqueira (senso comum) de pensar e alcance modos superiores de pensamento que encontram na tradição filosófica seu amparo. Cria-se um ritual iniciático ao pensamento filosófico. Esse procedimento visa ao enquadramento dos estudantes no regime discursivo da filosofia. Claro que isso não é mau em si, mas o que justifica o ensino de filosofia na universidade, no ensino médio? O que ensinar?

Há pelo menos três modos de ver a Filosofia?

1. Consideração histórica da filosofia. História das idéias. Considerações dos filósofos. Não se levanta questões sistemáticas. Da hermenêutica aos analíticos.
2. Filosofia pensada enquanto ciência teórica: elementos estruturantes para articulação de uma “teoria filosófica”. Essa perspectiva é fruto da reviravolta lingüística. Tem o problema da linguagem como central. Três perspectivas: a) Análise lógico-sintática (Carnap); b) Análise semântico-ontológica (Wittgenstein); c) Análise antropológico-pragmática: Habermas, R. Brandom. Para essa corrente, Sartre, Nietzsche não são filósofos, são literatos.
3. Filosofia como forma de vida (sabedoria): transformação da pessoa. A filosofia não teria lugar na universidade. A filosofia não poderia ser escolarizada. Se o fosse seria numa perspectiva da escola do “êxtase”. A filosofia sob suspeita.

## **QUE ENSINO DE FILOSOFIA NESSES NOVOS TEMPOS?**

Que filosofia fazemos? Que professor de filosofia nesse tempo das redes virtuais? Filosofia diz respeito às coisas do tempo. A filosofia tem que tocar agente, afetar-nos. Quem disse que somos mais SOFOS? A filosofia é um entre outros. Temos o desafio de nos tornarmos filósofos interessantes. Parece que fazemos filosofia para nosso círculo e não para os outros. Não sei se fazemos filosofia para a escola. E se fazemos não sei para qual escola. Talvez, só para a escola das competências e habilidades.

Nas últimas obras de Michel Foucault e os seminários oferecidos no College de France nos três anos finais de sua vida, ele problematiza as relações entre verdade, sujeito e poder: a questão de quem somos nós no presente, quando se volta para o cuidado de si, as práticas de si, a parresía (a franqueza no dizer). Aponta para a necessidade de pensar algo que faça sentido para a própria vida: pensar um problema que afete verdadeiramente e não que se enunciasse a partir de questões continuamente retomadas pelas pesquisas acadêmicas, como uma forma ritualizada que aprisiona o ato de pensar a uma configuração interior daquilo que experienciamos. Não pela filosofia entendida como uma área do saber fechada sobre si mesma, mas pela filosofia perspectivada como uma intensidade do pensamento, como uma forma de problematizar e pensar os problemas. Foucault (2011) chamou de coragem do pensamento (*sapere aude*).

**O ensino de filosofia como exercício psicagógico  
para uma vida soberanamente cínica em tempos difíceis**  
GÓIS FILHO, Benjamim Julião

Experimentar um modo de existência no qual o que importa é ter uma atitude filosófica ante o pensamento e a vida, ou seja, ensaiar e ensaiar-se continuamente na experientiação de viver-pensar filosoficamente. Entender a inseparabilidade entre o pensamento e a vida. O encontro do professor e do pesquisador.

O que faz o filósofo quando uma de suas tarefas no contexto presente é ser professor de filosofia? O que e como devemos problematizar para não permanecermos vinculados aos pressupostos da filosofia e para que possamos fazer uma “filosofia menor”: uma atitude diante dos problemas – uma ontologia do presente. Pretende-se trazer à tona os contornos de um problema que emerge nos espaços institucionais em que o ensino de filosofia ainda persiste, evidenciando a valorização excessiva da transmissão do conhecimento em detrimento da experiência. Foucault (2006) apontou para a preponderância do cuidado de si sobre a consciência de si. Filosofia como modo de vida: essa descoberta procurou tirar de seu eixo o desenvolvimento da filosofia como campo disciplinar, evidenciando historicamente a ruptura com a sua antiga configuração como modo de vida. Essa perspectiva pode auxiliar a repensar a educação filosófica no presente, sobretudo no momento em que ela se converteu em uma disciplina no currículo escolar e em transmissão técnica de um saber especializado a mais, centrando-se quase que exclusivamente em seu veio pedagógico e na comunicação de informações sem quaisquer preocupações com a formação, e muito menos, com a transformação de si.

Seria possível a filosofia como modo de vida e a face psicagógica<sup>1</sup> da educação filosófica no presente? Ao retomar o ensaio de Kant sobre o Iluminismo, Foucault (2010) argumenta que a *Aufklärung* evocaria um apelo à coragem, uma atitude necessária para se sair da autoinculpada minoridade. Se, no projeto kantiano, o apelo à coragem é modulado pela obediência, pelo respeito à autoridade instituída; como ser governado como obedecer? Uma pedagogia da obediência: desenvolver competências e habilidades técnicas para a boa cidadania. Foucault propõe uma psicagogia: como não ser governado, como inventar-me, transformar-me sem a moldura do poder biopolítico das instituições escolares?

É justamente a constituição desse *ethos*, centro da filosofia como modo de vida, alheia à educação moral pretendida pela escola desde sua gênese moderna, que no presente, almejam antes a qualificação do sujeito para aquisição de habilidades e competências para atuar no mercado de trabalho e para aprender uma especificidade do que para se formar para atuar como cidadão na vida pública e trabalhar sobre si mesmo, dando um novo contorno ao mundo atual.

A criação de modos de vida mais livres ainda que propagada pela filosofia enfrentaria um limite institucional quase intransponível para a transformação de atitudes: na medida em que é uma decisão que, em última instância, é pessoal. Embora o professor em geral, e o professor de filosofia em particular possam até instigá-la em sua atividade, as atitudes só são ativadas por meio do trabalho de si, da transformação que supõe o ser do sujeito – denominada psicagogia – pensar a si, pensar-se na relação com o mundo. Para tal mudança seria necessário que eles próprios se ocupassem de sua transformação, nela trabalhando, utilizando o que possuem de recurso e de equipagem pessoal, que podem ser oferecidos pelo professor-mestre-filósofo.

Porem, para isso seria necessário:

- 1) que percebêssemos os limites de nossas práticas de ensino;

---

<sup>1</sup> Psicagogia, para Foucault (2006) diz respeito a “condução da alma” ou transformação do sujeito, indo além da mera transmissão do saber.

**O ensino de filosofia como exercício psicagógico  
para uma vida soberanamente cínica em tempos difíceis**

GÓIS FILHO, Benjamim Julião

- 2) que nos dispuséssemos a ultrapassarmo-nos dado o incômodo e a inquietação que provocam em nos mesmos nossos limites, por não cumprirmos o que prometemos;
- 3) isso demandaria um trabalho sobre nos mesmos no sentido de nos transformarmos;
- 4) escolher gêneros de discursos capazes de auxiliar os indivíduos mais abertos aquele trabalho e aquele cuidado, assim como as disposições necessárias para o exercício da experiência de si.

A recuperação da filosofia como modo de vida e da psicagogia como tradições esquecidas que poderiam servir de alternativas à filosofia acadêmica e a pedagogização de seu ensino em instituições escolares e universitárias. Algumas estratégias sejam assumidas no que se refere tanto a um trabalho de si do professor quanto ao recurso a uma dramática na pragmática do ensino, que poderiam instigar em seus destinatários as disposições e as atitudes necessárias a uma transformação do ser exigidas por outra prática filosofia vinculada à vida.

Uma história não das doutrinas dos filósofos, mas das vidas filosóficas, uma história na qual a própria vida filosofante possa sentir-se à vontade. É por isso que, nessa história, Sócrates e os cínicos desempenham um papel principal, porque se o primeiro é aquele que prefere perder a vida antes que renunciar dizer a verdade, esses são os que a própria vida testemunha a verdade de forma escandalosa.

Na exposição de Foucault (2006), Sócrates instaura uma nova forma de parresia (a ética filosófica), perante os modos tradicionais de dizer a verdade, a parresia política. A parresia socrática faz da vida “objeto de elaboração e de “percepção estética”: há que viver a vida como uma obra bela, há que trabalhar sobre ela para dar-lhe uma forma.

## **UM EXERCÍCIO PSICAGÓGICO PARA UMA VIDA SOBERANAMENTE CÍNICA EM TEMPOS SOMBRIOS**

Vivemos assaltados pelas nossas necessidades e agora pelo medo. Não temos tempo para desejos, aspirações, não temos tempo para o ócio criativo, para as artes, para a criação.

- 1) Temos uma república com ares de monarquia (governos dos homens e não governo das leis).
- 2) Vivemos num país que a morte espreita na esquina. A vida não vale nada. O grau de civilização se mede pelo valor que se dá a vida. Vivemos um surto coletivo de ódio, violência e de desespero.
- 3) Vivemos em estado de euforia, delírio e hipergozo alucinatório. Não temos utopias.
- 4) Temos um problema de educação. Não sabemos usar a lixeira, mas queremos usar armas. Lemos 1,3 livro/ano.

Precisamos reelaborar nossos afetos. Reconstruirmo-nos como humanos a partir do outro, se não chegamos à loucura, ao abandono, à falta de reconhecimento. Temos o desafio de assumirmos a escolha de sermos quem somos para não morremos como mendigos de afeto e de reconhecimento. Assumir parresisticamente nossa verdade sem morrermos na solidão.

**O ensino de filosofia como exercício psicagógico  
para uma vida soberanamente cínica em tempos difíceis**  
GÓIS FILHO, Benjamim Julião

Foucault (2006) aponta para os cínicos como aqueles cujas vidas eram a verdade vivida escandalosamente. A vida como escândalo da verdade: os cínicos. Diógenes é o profeta da parresía. A escola cínica é uma escola de vida, caracterizada muito mais pela prática de um estilo de vida do que por ter desenvolvido um marco teórico sofisticado. Foucault encontra num texto de Epíteto (Conversações), uma autorreflexão sobre a natureza e o sentido do modo de vida cínico. O cínico é comparado ali a um espião do exército, aquele que vai até as fileiras do exército inimigo para localizar o que pode ser favorável ou hostil ao próprio exército, para antecipar por onde ele pode ser atacado e de que forma pensa atacar. É um mensageiro que precisa não estar atado a nada nem a ninguém e, portanto, é sem pátria, um errante, para poder assim se adiantar aos outros, e lançar alguma luz sobre o futuro. O cínico é também o homem do cajado, dos pés descalço, da mendicidade, da sujeira, ele se desprende de tudo o que pode gerar condicionamentos, sua vida o faz abrir mão daquilo que é inútil, que não é essencial, tudo o que é convencional e não natural, tudo o que é perturbador da nudez essencial que atinge o humano. Também por isso vive à margem da sociedade. Eis a radicalização do socratismo: o cínico vive a própria vida como uma manifestação da verdade. Em suma, a vida cínica: 1) Uma vida não dissimulada, absolutamente visível e pública em todas as suas formas, sem nada ocultar; ao contrário, tudo nessa vida se pode mostrar inteiramente; 2) uma vida sem mistura nem dependência, dramaticamente vivida sob a forma da mais absoluta pobreza e mendicidade. Reduzir tudo ao mínimo para não gerar dependência; 3) Uma vida reta segundo os preceitos da natureza e a recusa de toda e qualquer convenção social; 4) uma vida soberana, dona de si, uma vida de ajuda aos outros, uma vida que procura fazer da própria soberania uma lição universal a ser aprendida por todos os seres humanos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É tão soberana a vida cínica que Diógenes é mais rei do que Alexandre. O cínico não é um educador, um formador de pessoas, ele as sacode, as comove através de gestos mímicos, mais profundos e radicais. É um franco-atirador de uma vida filosófica. Eis as características da prática cínica de ensino de filosofia: 1) a filosofia é uma preparação para a vida; 2) esta preparação consiste em se ocupar de si mesmo, cuidar de si mesmo; 3) os únicos estudos necessários nessa preparação são os úteis para a existência; 4) a vida deve ser coerente com os preceitos que se formulam para ela; 5) essa vida deve alterar o valor da moeda, o que pode ser entendido superficial e pejorativamente, como uma tarefa falsificadora, e mais profundamente como a tarefa de romper e quebrar todos os hábitos e normas vigentes para derrubá-los e transformá-los, no sentido de naturalizar, de um ponto de vista da filosofia cínica, a vida humana. No entanto, seria pensar o professor como um cínico, não é voto de pobreza, mas uma “autoestima”, uma autoimagem, uma coragem de saber, de valorizar-se num contexto de desvalorização.

DOI: [10.25244/1984-5561.2023.6790](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2023.6790)

**O ensino de filosofia como exercício psicagógico  
para uma vida soberanamente cínica em tempos difíceis**  
GÓIS FILHO, Benjamim Julião

## REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. Tradução: Márcio Alves da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos VI: Repensar a política**. Organizador: Manoel Barros da Motta. Tradução: Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A Coragem da Verdade**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.